



## EDUCAÇÃO E INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: UMA LEITURA DE HOWARD GARDNER

Vívian Rafaela Ferrazza \*

### RESUMO:

A presente pesquisa apresenta o pensamento de Howard Gardner e suas implicações educacionais, situando-se na área da psicologia da aprendizagem. Gardner, de um lado, liberta a psicologia de uma forma única, de um momento unitário, de um único paradigma de conceber a inteligência. Por outro lado, Gardner apresenta a exigência da escola desenvolver essas múltiplas inteligências, deixando de ser unilateral, ao priorizar apenas uma delas, pois profissões diferentes requerem habilidades específicas, cabendo à escola ajudar as pessoas a se encaixarem em ocupações adequadas ao seu estilo particular de inteligência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Howard Gardner. Inteligências Múltiplas. Educação.

### INTRODUÇÃO

O artigo se situa na área da psicologia da aprendizagem. Tem como objeto específico a teoria das múltiplas inteligências desenvolvida por Howard Gardner. Psicólogo e educador, desde sua dissertação de mestrado, Gardner tem se preocupado com a sensibilidade de estilos em crianças, criando, inclusive, um grupo de pesquisa em educação pela arte, denominado de Projeto Zero. Sua obra de maior impacto foi publicada em 1983, intitulada “Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences”<sup>1</sup>. Sua teoria revolucionou o campo da psicologia e causou grande impacto na área educacional.

Por muitos anos, especialmente no mundo ocidental, foi priorizado apenas um modelo de inteligência, baseado nas pesquisas desenvolvidas por Alfred Binet, conhecida como Testes de QI – “Quociente Intelectual”. O teste foi desenvolvido em

\* Graduada em Pedagogia pela URI, pós-graduanda (especialização) em Tradução/Interpretação e Docência em Libras pela UNÍNTese, professora da Escola de Educação Infantil Arco Íris. Contato: vivianferrazza@hotmail.com

<sup>1</sup> No Brasil, o título foi traduzido por: “Estrutura da mente: a teoria das inteligências múltiplas”.

1900, quando, voltando a Paris, Binet foi questionado sobre a possibilidade de detectar, por meio de testes psicológicos, o sucesso ou o fracasso das crianças. E desde o seu surgimento, o teste de QI tem marcado gerações e se constituiu no principal instrumento de avaliação das potencialidades cognitivas do ser humano. O teste foi considerado uma medida eficiente e respeitável para medir a capacidade intelectual dos estudantes e profissionais de empresas.

Em sua teoria, Gardner sugere que todos os indivíduos possuem habilidades para utilizar todas as inteligências, porém algumas podem ser potencialmente determinadas pelo ambiente cultural no qual o indivíduo está inserido. Contudo, as inteligências linguística e lógico-matemática são as mais valorizadas no ambiente escolar, em detrimento das demais. É desta problemática que surge o problema básico do presente artigo: quais as implicações pedagógicas no contexto educacional quando levada a sério a teoria das inteligências múltiplas desenvolvida por Gardner?

## **A DIVERSIDADE DE INTELIGÊNCIAS SEGUNDO HOWARD GARDNER**

Na obra intitulada “Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences”, Gardner propôs sete inteligências humanas *distintas*, mas ao mesmo tempo relacionadas: linguística, lógico-matemática, musical, físico-cinestésica, espacial, interpessoal e intrapessoal. As inteligências linguística e lógico-matemática são as que historicamente foram privilegiadas, ou mesmo, consideradas como inteligências humanas. As demais, ou ignoradas, ou consideradas apenas talentos ou dons humanos que se destacam em algumas pessoas consideradas, muitas vezes, com QI abaixo da média.

### **Inteligência linguística**

Howard Gardner descreve esta primeira inteligência como a capacidade e sensibilidade para com a língua falada e escrita. Apresenta o difícil processo de escrita de um poema ou de uma música, na qual diversas frases são elaboradas pelo poeta para dar conta do sentido exato daquilo que gostaria de expressar com o

poema. Retomando correspondências entre os poetas britânicos Keith Douglas e Eliot, o autor apresenta diversas frases sobre o mesmo assunto elaboradas pelos poetas para expressar a palavra certa.

No poeta, então, vê-se em funcionamento com especial clareza as operações centrais da linguagem. Uma sensibilidade ao significado das palavras, por meio da qual o indivíduo aprecia as sutis nuances de diferença entre derramar tinta “intencionalmente”, “deliberadamente” e “de propósito”. Uma sensibilidade à ordem entre as palavras – a capacidade de seguir regras gramaticais e, em ocasiões cuidadosamente selecioná-las, violá-las<sup>2</sup>.

Neste sentido, um exemplo ilustra bem esta primeira inteligência. Há poucos meses, aqui no Brasil, foi ao ar novo site de Renato Russo, compositor, vocalista e músico da banda Legião Urbana. Nas composições de Renato Russo aparece bem a sua luta, após o acidente que sofreu, com o fraseado de uma linha ou de uma estrofe da música que estava compondo, o que, para Gardner, revela um dos aspectos centrais da inteligência linguística. Transcrevemos abaixo como o músico brasileiro Renato Russo tentou por meio de longas linhas semelhantes compor a música Monte Castelo:

Ainda que eu falasse a língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos  
Sem amor eu nada seria  
É só o amor, é só amor  
Que conhece o que é verdade  
O amor é bom, não quer o mal  
Não sente inveja ou se envaidece

Mesmo se falar a linguagem dos anjos (e de homens)  
e não tiver amor, seria como metal.  
Tendo o dom da profecia, conheço  
entendo todos os mistérios e todo o conhecimento  
tenho toda a fé (posso remover montanhas)  
se não tiver amor, nada serei<sup>3</sup>.

A lógica do poeta é, portanto, tão complexa quanto à lógica do cientista, embora diferentemente localizada. É claro que o poeta trabalha com a organização de imagens por meio da linguagem, enquanto que o cientista com argumentos. Embora a lógica do cientista exija sensibilidade às implicações de uma lei ou de uma proposição, a lógica do poeta exija sensibilidade ao significado de cada palavra ou frase, nos dois casos é exigida a capacidade de trabalhar bem com a linguagem.

<sup>2</sup> GARDNER, Howard. *Estrutura da mente: a teoria das Inteligências Múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 60.

<sup>3</sup> RUSSO, Renato. *Monte Castelo*. Disponível em: <<http://www.renatorusso.com.br/>>. Acesso: 27 de jun. de 2014, s/p.

Na verdade todos os seres humanos possuem uma determinada competência linguística, o que faz dela a inteligência mais ampla e democraticamente compartilhada. O que vemos no poeta e no cientista é um domínio mais aguçado da mesma. A inteligência linguística, portanto, está presente na maioria dos seres humanos, mas se encontra superlativamente desenvolvida em alguns, o que faz com que muitas vezes não se consiga compreender ou interpretar o sentido de um poema, de uma música.

Aqueles que possuem a inteligência linguística dominam, senão todas, pelo menos quatro aspectos do conhecimento linguístico. O primeiro deles é o uso retórico da linguagem. Trata-se da capacidade de convencer o outro por meio da linguagem. Foi amplamente desenvolvida pelos sofistas na Grécia antiga, é a mais usual entre advogados e políticos, mas que também se apresenta numa criança de 3 anos de idade que faz uso da mesma, na medida em que precisa convencer o adulto quando deseja algo.

O segundo é o aspecto da memorização da linguagem. É importante na medida em que precisa guardar, lembrar, recordar, decorar uma série de informações. Muitas pessoas têm grande facilidade em vestibulares e concursos que, de modo geral, exigem do estudante a memória de muitas informações. O terceiro aspecto da linguagem é o seu papel na explicação. Trata-se da capacidade de repassar as informações, de fazer uso de metáforas, de exemplos, de conseguir compartilhar com os demais as descobertas científicas.

Neste sentido, a capacidade do uso da linguagem numa Emissora de Rádio difere da linguagem usual. Quando se entra no ar é preciso fazer com que o ouvinte sintonizado no rádio compreenda aquilo que está sendo transmitido. Quando anunciado um comercial, por exemplo, não se pode fazer a locução como se estivesse simplesmente lendo. É preciso explicar, ou melhor, interpretar um texto com o uso da linguagem oral, mudando o tom, acentuando determinadas palavras, às vezes de modo mais pausado outras vezes mais rápido, etc.

O quarto aspecto, o mais complexo de todos, é a capacidade de lidar com a própria linguagem, isto é, é a capacidade de fazer uso da linguagem para explicar a própria linguagem. No fundo, trata-se do que se faz para produzir um texto. Neste exato momento faz-se uso da linguagem para explicar como se dá a capacidade

linguística. Outro exemplo, ainda, quando se pergunta ao interlocutor, “você quis dizer X ou Y?”, de certa se está direcionando o interlocutor a refletir sobre a própria linguagem enunciada.

Este estágio de desenvolvimento linguístico acima descrito é praticamente consenso entre os estudiosos. A dificuldade maior está no que diz respeito aos fatores que envolvem este desenvolvimento, isto é, se inatos, culturais, etc. Para Gardner, “parece mais provável que a competência linguística humana resulte de uma união de alguns sistemas distintos, cuja história evolutiva data de muitos milhares de anos”<sup>4</sup>.

### **Inteligência musical**

A inteligência musical é a que mais cedo se manifesta no indivíduo. Quais as razões do surgimento tão precoce do talento musical? Para Gardner, as manifestações precoces são fenômenos genuínos: “pode-se apresentar precocidade musical em decorrência de um envolvimento em um regime de instrução soberbamente delineado, em virtude de viver em uma família envolvida com música ou apesar (ou como parte) de uma enfermidade mutiladora”<sup>5</sup>. Para além disso, Gardner acredita fortemente no fator herdado, sendo que depende muito do ambiente em que a criança vive a expressão pública deste talento.

Neste ponto gostaria de referir minha experiência musical. Por mais que na minha família não tenha talentos musicais para tocar instrumentos ou talvez houvesse talentos, mas que não foram trabalhados, todos os familiares são apaixonados por música, especialmente da família do meu pai. Cresci ouvindo música e eles falando de música. Isto influenciou enormemente no meu conhecimento e gosto musical. Em vista disso, domino a letra, a melodia, o ritmo, etc. de centenas de músicas. Nomeio o ano do lançamento do álbum, do clipe musical, etc. Num jogo na internet que apresenta apenas algumas notas musicais e a partir delas é preciso escolher a música, há o acerto de no mínimo oito de dez.

Diante disso, então, a primeira pergunta que poderia ser feita é: como que surgem as ideias musicais? No ato de compor músicas fica bem evidente a

---

<sup>4</sup> GARDNER, 1994, p. 71.

<sup>5</sup> GARDNER, 1994, p. 79.

inteligência musical. Tem compositores que constantemente possuem “sons na cabeça”. Beethoven que ao final de sua vida, já praticamente, surdo, continuava compondo com os sons que estavam na sua cabeça. Schoenberg afirma que “o compositor revela a essência mais íntima do mundo e profere a mais profunda visão em uma linguagem que seu raciocínio não entende, assim como um hipnotizado revela coisas das quais não tem nenhuma ideia quando está desperto”<sup>6</sup>.

Existe, porém, uma diferença enorme entre crianças no que diz a inteligência musical e a inteligência linguística. Quer dizer, o processo de apreensão da linguagem se dá de modo bem mais padronizado do que o musical nas crianças. Há crianças que conseguem interpretar canções extremamente difíceis enquanto que outras conseguem apenas emitir apenas aproximações grosseiras de tons. E quando começa o período escolar, com exceção das crianças com exímio talento, o processo de desenvolvimento musical fica estagnado, enquanto que a linguagem cada vez mais é apropriada.

### **Inteligência matemática**

As inteligências da linguagem e lógico-matemática já possuem toda uma história, especialmente dentro da psicologia do desenvolvimento e na psicologia cognitiva, portanto apresenta-se um esboço muito rápido da inteligência lógico-matemática, uma vez que se encontra bem disposta na literatura disponível e na apropriação da mesma por parte de professores e estudantes.

Gardner começa expondo uma anedota descrita por Piaget de uma criança que se tornou um excelente matemático. Quando esta criança se deparou com vários objetos resolveu contá-los, o que resultou em dez objetos contados. Ao ordená-los de modo diferente, a criança voltou a conta-los, resultando novamente em dez objetos e assim sucessivamente. Daí surgiu a primeira intuição, o primeiro insight matemático desta criança: que, independente dos objetos e da disposição dos mesmos, quando contados de um em um o número dez não é um resultado arbitrário e, portanto, segue uma determinada lógica ou lei.

Diferente das inteligências linguística e da musical, a lógico-matemática não se origina na esfera auditivo-oral, mas sim da relação ou das ações da criança sobre

---

<sup>6</sup> GARDNER, 1994, p. 81.

o mundo. Ainda no berço, a criança começa a brincar, a mexer, a dispor em formas vários objetos que estão a sua disposição. Nos primeiros meses de infância, a criança começa a realizar várias experiências com estes objetos que estão à disposição. Agora, quando os mesmos desaparecem, também desaparecem de sua consciência, pois não desenvolveram a permanência dos objetos.

Apenas após os primeiros dezoito meses de vida a criança chega a reconhecer plenamente que os objetos continuarão a existir mesmo quando foram retirados das suas estruturas espaço-temporais. Esta conquista da *permanência de objeto* – que os objetos possuem uma existência separada das ações específicas da pessoa sobre eles num dado momento – prova ser uma pedra angular crucial para o desenvolvimento mental posterior<sup>7</sup>.

Quando a criança consegue reconhecer a permanência dos objetos mesmo quando não estão à disposição passa também a perceber que existe uma similaridade entre os objetos, apesar de variarem em cor e tamanho. A tal ponto que em poucos meses a criança passa a reunir os carrinhos, as bonecas, etc. A criança, nesta fase, não consegue ainda realizar determinados cálculos, mesmo que consiga identificar a presença de mais de um objeto. Por exemplo, um conjunto de bala com menos quantidade e mais disperso será tido pela criança como tendo mais balas do que um conjunto que de fato possui mais balas apesar de agrupadas de modo mais denso.

Até a idade de quatro aos cinco anos a criança consegue contar objetos na sequência dos números cardinais e perceber que o número com que conclui a contagem é a totalidade dos objetos ali existentes. Somente pelos seis aos sete anos é que a criança conseguirá chegar ao nível do futuro matemático de Piaget. Nesta fase, poderá contar as balas existentes nos dois montes, comparar os totais e concluir qual deles possui mais balas, deixando de confundir extensão espacial com número de balas existentes. A partir daí cada vez mais a criança poderá realizar operações mais complexas, como subtrair, multiplicar, dividir.

“Segundo esta análise, a base para todas as formas lógico-matemáticas de inteligência depende inicialmente do manuseio de objetos”<sup>8</sup>. Somente com o passar do tempo é que a criança conseguirá realizar contas matemáticas de modo abstrato, ou seja, sem o manuseio direto dos objetos. Dos sete aos dez anos de idade a criança ainda realiza ações lógico-matemáticas baseando-se nos objetos físicos,

<sup>7</sup> GARDNER, 1994, p. 101.

<sup>8</sup> GARDNER, 1994, p. 102.

denominada por Piaget como operações concretas. Na adolescência é que a criança atinge o estágio final de desenvolvimento mental, quando consegue realizar operações sobre palavras, símbolos que correspondem aos objetos, mas não são os objetos. Trata-se das operações lógicas.

### **Inteligência espacial**

Assim como a inteligência lógico-matemática, a espacial se desenvolve da relação da criança com o mundo. “Embora a centralidade da inteligência espacial tenha sido há muito reconhecida por pesquisadores que trabalham com sujeitos adultos, relativamente pouco foi determinado de forma definitiva sobre o desenvolvimento deste conjunto de capacidades em crianças”<sup>9</sup>. Piaget percebeu no estágio sensório-motor duas capacidades centrais: “a apreciação inicial das trajetórias observadas em objetos e a eventual capacidade de orientar-se entre várias localidades”<sup>10</sup>. Portanto, novamente Piaget é que se interessou pelo estudo do desenvolvimento da noção do espaço em crianças.

É no início da escola que a criança consegue dar um passo importante, na medida em que consegue manipular de modo mais ativo imagens e objetos no domínio espacial. A criança já consegue reconhecer como seria a imagem do espaço para uma pessoa que estivesse sentada em outro lugar da sala, por exemplo, apesar de ainda ser realizada através de situações e eventos concretos. É somente na fase operacional formal que a criança, agora adolescente, passa a ser “capaz de relacionar o mundo de imagens figurativas e afirmativas proporcionais e a raciocinar sobre as implicações de diversos tipos de transformações”<sup>11</sup>. Em síntese,

Assim vemos uma progressão regular no domínio espacial, desde a capacidade do bebê de movimentar-se no espaço, para a capacidade da criança pequena de formar imagens mentais estáticas, a capacidade da criança em idade escolar de manipular estas imagens estáticas e, finalmente, a capacidade do adolescente de ligar relações espaciais com declarações proposicionais. O adolescente, sendo capaz de reconhecer todas as organizações espaciais possíveis encontra-se numa posição favorável para unir formas de inteligência lógico-matemática e espacial em um só sistema geométrico ou científico<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> GARDNER, 1994, p. 138.

<sup>10</sup> GARDNER, 1994, p. 139.

<sup>11</sup> GARDNER, 1994, p. 139.

<sup>12</sup> GARDNER, 1994, p. 139.



Novos estudos apontam que cegos de nascença conseguem ter a inteligência espacial. A inteligência espacial passa a ser constituída por meio da modalidade tátil. Ao deslizar o dedo sobre uma determinada superfície o cego consegue reconhecer o tamanho maior ou menor da mesma, pelo tempo que levou para deslizá-la completamente. Do mesmo modo seria capaz de reconhecer curvaturas, saliências, retidão, etc.

“O conhecimento espacial pode servir para uma variedade de finalidades científicas, como uma ferramenta útil, um auxílio ao pensamento, uma maneira de captar informações, uma maneira de formar problemas ou como próprio meio para resolver o problema”<sup>13</sup>. Para concluir a descrição desta inteligência, vale apresentar a importância do uso da mesma. O progresso da ciência está intimamente relacionado à inteligência espacial. É vasta a gama de intelectuais, mas também de artistas que tiveram insights e outros desenvolvimentos que não podem ser descritos de modo verbal.

### **Inteligência corporal-cinestésica**

A inteligência corporal-cinestésica, objeto de nosso estudo neste momento, não é amplamente desenvolvida em nossa cultura ocidental. Sua característica principal é o uso do corpo para desenvolver ações altamente diferenciadas das usuais de nossos dias. Talvez o mímico seja quem melhor exemplifica esta inteligência. Por meio de gestos, de expressões, de ações corporais o mímico consegue transmitir e interpretar personagens, objetos, movimentos, inclusive questões mais abstratas como sentimento e liberdade. Trata-se, portanto, da capacidade de controlar os movimentos do próprio corpo e também de manusear objetos com habilidade.

Esta inteligência está intimamente associada aos praticantes de esporte que precisam ter domínio do seu próprio corpo ou ter habilidade de manusear objetos com refinamento. Um nadador e um dançarino, por exemplo, precisa desenvolver o domínio aguçado do seu próprio corpo. Já um jogador de vôlei ou de futebol precisa desenvolver a habilidade de, através do seu corpo, manusear com habilidade o objeto de esporte, que no caso é a bola. O manuseio do corpo está intimamente

---

<sup>13</sup> GARDNER, 1994, p. 149.

relacionado também aos atores, apesar de que destes também é exigidas outras inteligências relacionadas, considerando que “quase todos os papéis culturais exploram mais de uma inteligência”<sup>14</sup>. Mas como se dá este desenvolvimento na criança?

A criança primeiro alia esticar-se em direção e olhar com agarrar; o agarrar de objetos únicos evolui para a passagem de objetos de uma mão para outra; o uso de conjuntos de objetos para tarefas diárias é transformado na construção de estruturas simples; estas estruturas simples tornam-se aliadas em demonstrações mais elaboradas; e assim por diante<sup>15</sup>.

### **Inteligências intrapessoal e interpessoal**

As duas últimas inteligências desenvolvidas por Gardner são a intrapessoal e a interpessoal. A primeira está diretamente relacionada ao acesso a nossa própria vida, aos nossos sentimentos, emoções, afetos. “A *inteligência intrapessoal* envolve a capacidade de a pessoa se conhecer, de ter um modelo individual de trabalho eficiente – incluindo aí os próprios desejos, medos e capacidade – e de usar estas informações com eficiência para regular a própria vida”<sup>16</sup>.

A segunda inteligência, a interpessoal, está diretamente ligada à “capacidade de observar e fazer distinções entre outros indivíduos e, em particular, entre seus humores, temperamentos, motivações e intenções”<sup>17</sup>. Trata-se da capacidade de saber trabalhar com o outro e está relacionada diretamente a pessoas que na vida profissional precisam se relacionar a todo instante com outras pessoas, como é o caso dos professores, dos clínicos, dos líderes religiosos, dos políticos, etc.

Trata-se de inteligências fundamentais para a compreensão do ser humano individual, bem como, do ser humano na sua relação com o outro. Estas inteligências, denominadas por Gardner de inteligências pessoais, foram praticamente ignoradas pela psicologia cognitiva. Por outro lado, na área da psicologia de modo geral a pesquisa sobre a formação da identidade e da relação do ser humano com outro é ampla, o que dificulta a sistematização exigida no presente estudo. Por isso, apesar da sua importância fundamental, não será possível de desenvolvê-las em maior extensão neste artigo.

<sup>14</sup> GARDNER, 1994, p. 161.

<sup>15</sup> GARDNER, 1994, p. 172.

<sup>16</sup> GARDNER, Howard. *Inteligência: um conceito reformado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 58.

<sup>17</sup> GARDNER, 1994, p. 185.

## IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Historicamente a escola tem se configurado de modo uniforme. São ensinados os mesmos conteúdos e as mesmas matérias a todos os alunos. O pressuposto da educação, mesmo que implicitamente, é de que todos os alunos são iguais. Considerando este pressuposto, dispensar um trabalho educacional uniforme parece ser justo. Afinal, todos os alunos seriam considerados do mesmo modo, sem que este ou aquele pudesse se sentir privilegiado ou menosprezado.

Para além do tratamento uniforme, a educação tem privilegiado as inteligências matemática e linguística. As avaliações, de modo geral, giram em torno da capacidade de expressão linguística dos conteúdos trabalhos, seja de modo oral ou escrito, e da capacidade de realizar cálculos. As demais inteligências permanecem praticamente ausentes. São consideradas algumas vezes, mas não é dispensada uma atenção maior, permanecendo como elementos secundários e dispensáveis, sem comprometer o sucesso da educação.

Gardner sugere uma educação que esteja preocupada com a individualidade de cada aluno. Para tal, não aponta necessariamente o uso de uma avaliação formal, um teste pré-determinado para conhecer os estudantes. Pelo contrário, acredita que o professor preocupado com as individualidades poderá, por meio da observação do dia-a-dia, conhecer as especificidades de cada estudante. Acredita que desta forma é melhor, pois aí o professor não partirá simplesmente de um estereótipo pré-determinado dos estudantes.

A teoria das “Inteligências Múltiplas” sugere uma série de categorias e de conceitos que ajudarão ao professor interessado em conhecer as variadas inteligências. “A teoria das inteligências múltiplas não deve ser utilizada para ditar um curso de estudos ou carreira, mas constitui uma base razoável para sugestões e escolha de matérias opcionais”<sup>18</sup>. Mantendo sempre cuidado com os rótulos, cada aluno poderá ser avaliado em pontos fortes e fracos relacionando com as inteligências múltiplas descritas por Gardner. É necessário lembrar que se está em constante mudança, o que exige sempre avaliações atualizadas. O conhecimento

---

<sup>18</sup> BLYTHE, Tina. Uma escola do futuro. In: GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 66.

das potencialidades e das dificuldades de cada estudante é, contudo, apenas o primeiro passo.

Após o diagnóstico das condições dos estudantes, faz-se necessário repensar a prática educacional, como revisão de currículo, de avaliações, de didática, etc. Poder-se-ia, neste sentido, pensar um currículo totalmente individualizado, mas isto se apresenta mais como uma utopia impossível de ser colocada em prática. Então é melhor logo pensar a relação das inteligências múltiplas e a educação a partir de um currículo geral, ou seja, todos os alunos deverão estudar matemática, língua portuguesa, história, geografia, etc. O que pode ser mudado a partir da consideração das variadas inteligências é o modo como cada estudante vai estudar estas disciplinas e, acima de tudo, como será avaliado:

A avaliação precisa satisfazer três critérios. Ela deve ser justa para com a inteligência – apresentada de tal maneira que a potência de uma inteligência seja monitorada diretamente, e não através das “lentes” da lógica ou da matemática. Ela deve ser adequada em termos desenvolvimentistas – utilizar técnicas apropriadas ao nível desenvolvimental da criança naquele específico domínio de conhecimento em questão. Ela deve estar vinculada a atividades recomendadas para a criança com aquele determinado perfil intelectual<sup>19</sup>.

A principal contribuição da teoria das inteligências múltiplas está justamente neste ponto. “Mesmo que os cursos sejam obrigatórios, não existe nenhuma razão para serem ensinados da mesma maneira para todos”<sup>20</sup>. Sugere um currículo padrão, afinal de contas é impossível dar conta de um currículo individualizado. Mas este currículo padrão deverá ser colocado em prática conforme as inteligências e individualidades dos estudantes. Isto significa que alguns estudantes deverão ser ensinados deste modo enquanto outros de outro modo. Assim também deve ocorrer no que diz respeito à avaliação.

Nesta perspectiva, o professor deverá estimular, por exemplo, o estudo de todas as matérias, considerando a dimensão específica do aluno. De certa forma, esta perspectiva já está presente nas escolas, especificamente quando se trata de alunos de “educação especial”, onde são consideradas suas especificidades. No estudo da matemática, por exemplo, poderá ser adotada uma metodologia que contemple esta inteligência, bem como, na avaliação de sua aprendizagem. Há

---

<sup>19</sup> BLYTHE, 1995, p. 67.

<sup>20</sup> BLYTHE, 1995, p. 67.

experiências nos EUA, por exemplo, que se o estudante apresenta maior desempenho em determinada inteligência, os professores começam a trabalhar esta especificidade.

Algumas questões simples e básicas podem ser adotadas para que as individualidades sejam atendidas, dentre elas: coletar uma variedade ampla de dados sobre as crianças; se não for possível de o professor permanecer por muito tempo com a mesma turma, que tenha um banco de dados e de informações que funcionem; ter flexibilidade na hora de designar determinado professor, considerando a compatibilidade do professor com a turma.

Neste ponto, entra atualmente um facilitador, pois na era da informação e da tecnologia, é possível que, em breve, as escolas tenham um cadastro que permita ao professor acessar o histórico de aprendizagem do estudante.

A tecnologia poderá ser importante também na variação didática, aproximando-se das capacidades de cada estudante. Era mais difícil considerar as potencialidades dos estudantes na medida em que o professor apenas tinha disponível o quadro com giz e um mimeógrafo para multiplicar os conteúdos e distribuí-los aos estudantes. Com as novas tecnologias, as aulas poderão ser bem variadas, indo do quadro de giz até a criação de programas de computadores. Por isso, alguns pesquisadores defendem que a escola do futuro deverá ter

- Currículos que tentem cobrir menos tópicos, mas investigar os materiais com maiores detalhes; currículos centrados em *questões essenciais e ideias generativas*.
- Uma instrução que leve em conta os estilos e as forças individuais de aprendizagem; que faça um uso estratégico da tecnologia e da mídia; em que os professores modelem formas sofisticadas de discussão e análise.
- Uma abordagem de avaliação que vá muito além de testes padronizados com respostas de múltipla escolha, pontuados por máquinas. [...] Como exemplo de uma avaliação autêntica, os alunos são solicitados a descobrir padrões em dados que obtiveram em seus projetos, ao invés de serem solicitados a selecionar, em um conjunto de múltipla escolha, o princípio que parece governar a forma dos dados de uma outra pessoa<sup>21</sup>.

Gardner ressalta, contudo, que sua tese poderia ser questionada ao se considerar a educação desenvolvida nos países asiáticos, onde a uniformidade é muito maior do que dos países ocidentais, e os resultados são extremamente satisfatórios. De fato, não há no Japão uma flexibilidade educativa como se encontra

<sup>21</sup> GARDNER; KORNHABER; WAKE, 1998, p. 271.

no Brasil. Gardner, no entanto, chama atenção de que a uniformidade funciona devido a própria homogeneidade populacional, aliado à estrutura genética específica.

Para além destes dados, Gardner também chama a atenção para dois elementos fundamentais do processo educacional japonês, por exemplo. Por mais que a educação se apresente à primeira vista como homogênea, ela é mais individualizada do que se imagina. Em primeiro lugar, é exigido das crianças o trabalho em grupo que ressalta as capacidades individuais de cada estudante que participa do grupo. Em segundo lugar, a educação no sentido formal se estende para dentro da família, onde o pai ou mãe ocupam um papel fundamental de educação do filho, ou senão participam de aulas particulares. Isto não quer dizer que aqui no ocidente não se tenha trabalho em grupo, o problema é que nas atividades de grupo os alunos “geralmente são julgados por seu trabalho individual”<sup>22</sup>.

A partir de Gardner e seus estudiosos não é possível simplesmente apontar um novo modelo educacional, centrado no indivíduo, especialmente porque é praticamente inviável hoje, pensar a escola nesta perspectiva. Sugere-se, outrossim, mesmo que com um currículo homogêneo, a escola apresente um currículo com flexibilidades, que considere as individualidades de cada estudante.

## CONCLUSÃO

Historicamente foram excessivamente valorizadas às potencialidades da inteligência cognitiva. Somente em meados da segunda metade do século passado, por meio dos estudos e pesquisas de Howard Gardner, é que o teste do QI ligado à inteligência cognitiva, passou não somente a ser criticado, mas também repensado radicalmente. Gardner propôs um novo conceito de inteligência, com facetas diferentes, todas com igual valor ou prioridade, embora possam variar muito de uma cultura para outra.

A teoria das Inteligências Múltiplas ocupa, ainda, um papel preponderante pequeno na elaboração de estratégias pedagógicas para a construção da aprendizagem. A educação está basicamente associada à inteligência matemática e

---

<sup>22</sup> KRECHEVSKY, Mara. Abordando a escola de modo inteligente: inteligência prática no nível escolar médio. In: GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 105.

da linguagem e se constituem nos eixos básicos da educação. Por isso, de modo geral, as estratégias pedagógicas acabam centradas nas dimensões linguísticas e matemáticas. Quando as demais inteligências forem levadas em consideração, as mudanças pedagógicas vão se dar desde o projeto pedagógico até a organização do ambiente escolar.

Portanto, mesmo que a escola não mude consideravelmente nos próximos anos, uma coisa parece certa: as novas possibilidades oferecidas pela sociedade da informação e da tecnologia farão com que as múltiplas inteligências aflorem e os educadores necessitam preparar-se para este processo.

## REFERÊNCIAS

BLYTHE, Tina. Uma escola do futuro. In: GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GARDNER, Howard. *Estrutura da mente: a teoria das Inteligências Múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

\_\_\_\_\_. *Inteligência: um conceito reformado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GARDNER, Howard; KORNHABER, Mindy L.; WAKE, Warren K. *Inteligência: múltiplas perspectivas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KRECHEVSKY, Mara. Abordando a escola de modo inteligente: inteligência prática no nível escolar médio. In: GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RUSSO, Renato. *Monte Castelo*. Disponível em: <<http://www.renatorusso.com.br/>>. Acesso: 27 de jun. de 2014.